
O PAPEL DAS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO

Márcia Antônia Dias Catunda *

Resumo: O presente trabalho visa mostrar quais as estratégias que as crianças que estão em processo de alfabetização utilizam para compreender as Histórias em Quadrinhos. Foi realizado um estudo de caso com uma criança de 5 anos, do sexo masculino, estudante de escola particular, cursando o infantil V, com o intuito de verificar quais estratégias uma criança que está em processo de alfabetização adota para a leitura de uma história em quadrinho. Para realizar esse estudo foi realizada uma entrevista do tipo semiestruturada com a criança, onde ela mostrou o que compreendeu sobre a história. Os resultados evidenciaram que mesmo sem ter domínio da leitura, a criança em processo de alfabetização consegue compreender uma história em quadrinho quase que de forma completa e que ela reconhece facilmente esse gênero por já fazer parte de sua vida.

Palavras-chave: Quadrinhos. Alfabetização. Letramento. Imagens

Introdução

Mais do que uma opção de lazer e entretenimento, as histórias em quadrinhos atualmente são consideradas grandes meios de comunicação de massa, sendo utilizadas por pessoas de todas as idades, não somente por crianças. Os profissionais de Educação descobriram nas HQ's uma ótima ferramenta didática para auxiliar no aprendizado e incentivar a leitura. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse trabalho.

O espaço adquirido pelas HQ's hoje não corresponde ao mesmo de anos anteriores. Antigamente as histórias em quadrinhos era vista até com preconceito como explicam os pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009, p.09) As histórias em quadrinhos gradativamente passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica". Os autores apontam também que as revistas em quadrinhos eram tidas como material que geravam "preguiça mental" nos estudantes e que afastavam os alunos da chamada "boa leitura".

De acordo com os autores Lopes e Miani (2008) , a disseminação das histórias em quadrinhos e sua consolidação junto ao público infanto-juvenil suscitaram uma reflexão crítica para os efeitos nocivos dessa literatura no desenvolvimento intelectual e social desses jovens, no período após a Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores, educadores e psicólogos rechaçaram os meios de

* Mestranda em Informática Educativa pela Universidade Estadual do Ceará. catundamarcia@gmail.com



comunicação de massa, incluindo as histórias em quadrinhos. A grande popularidade dos super-heróis foi impulsionada pela Segunda Guerra Mundial, que se tornou o pano de fundo destes enredos. Contudo, a guerra também trouxe aspectos negativos para o desenvolvimento das histórias em quadrinhos, como a proibição das HQs norte-americanas em alguns países envolvidos no conflito.

De acordo com Carvalho (2007), um dos maiores expoentes dos quadrinhos de todos os tempos, foi contratado pelo governo dos Estados Unidos para produzir quadrinhos instruindo soldados na utilização de equipamentos, no domínio de técnicas de higiene e em outras atividades. Ao perceber o potencial dos quadrinhos para educar, Eisner realizou esse trabalho na Segunda Guerra Mundial, no Vietnã e na Coreia, assim o cartunista decidiu parar de desenhar o Spirit e investir em um instituto criado justamente para produzir quadrinhos educativos e institucionais.

Ainda de acordo com o autor, as críticas em relação aos quadrinhos no Brasil surgiram em 1928, a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep) apresentou um estudo no qual afirmava que os quadrinhos causavam “lerteza mental”. Nesse caso, a preocupação parecia que era o fato das crianças preferirem ler mais quadrinhos a livros. Esse preconceito só veio a diminuir em 1949, ano que o Congresso Nacional decidiria intervir no assunto, criando uma comissão para analisar os quadrinhos. O relator da comissão, deputado Gilberto Freire, chegou a conclusões bastante positivas em relação aos quadrinhos. As principais foram:

- As HQ's, em si, não são boas nem más, depende do uso que se faz delas;
- As HQ's ajudam na alfabetização;
- Por meio de seus enredos, elas ajudam os leitores a ajustar suas personalidades à época e ao mundo;
- As HQ's preenchem a necessidade de histórias e aventuras da mente infantil.

Já na década de 50 a polêmica foi em relação ao homossexualismo, onde alguns psicólogos afirmavam que os quadrinhos incentivavam o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, como exemplo era citado os personagens Batman e Robin. Porém, o autor Djota Carvalho, ao concordar com Gilberto Freire, diz que não há quadrinhos bons ou ruins, ainda que haja HQ's de boa e má qualidade, sendo assim o que é bom ou ruim é o uso que se faz deles.

De acordo com os autores Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani, no artigo “Histórias em Quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, a primeira publicação brasileira de histórias em quadrinhos foi *O Tico-Tico*, lançado em outubro de 1905, baseada no magazine francês *La Semaine de Suzette*. A revista trazia em suas páginas, majoritariamente, decalques de histórias em quadrinhos estrangeiras. Desta forma, *Buster Brown* tornou-se *Chiquinho* e *Katzenjammer Kids*, *Os sobrinhos do Capitão*. Devido à dificuldade de



importações por conta da 1ª Guerra Mundial, as publicações brasileiras eram abastecidas por histórias e continuações criadas pelos artistas nacionais.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009), no Brasil os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No Brasil, os PCN propuseram uma releitura das práticas pedagógicas com o intuito de criar um referencial a ser adotado pelos docentes. Desta forma, os PCN incluíram os quadrinhos como linguagem a ser trabalhada em sala de aula, no ensino fundamental e médio, a exemplo dos livros destinados à área de Artes para as séries de 5ª e 8ª que mencionam a necessidade dos alunos serem competentes na leitura de determinadas formas visuais, incluindo as HQ. O mesmo ocorre com os PCN de Língua Portuguesa, que citam a necessidade de uma leitura crítica de charges e as tirinhas como gênero a ser estudado (RAMOS & VERGUEIRO, 2009: p.10).

De acordo com Vergueiro (2004), a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos – muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras –, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar. Ainda de acordo com ele, no Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

O potencial educativo dos quadrinhos é justificado por Vergueiro (2004:21) pelos seguintes pontos: os estudantes gostam de ler quadrinhos; palavras e imagens juntas ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; as possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; o caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar; os quadrinhos tem um caráter globalizador; os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. Incluindo dois fatores importantes: a acessibilidade e o baixo custo.

Para Ramos (2006) o pesquisador aponta que as razões que motivaram pesquisas com histórias em quadrinhos a partir dos anos 90 ainda precisam de investigação mais detalhada. Ele acredita que



pelo menos dois pontos exerceram algum tipo de influência, como a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares, em especial no da Universidade Estadual de Campinas e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo governo federal. Os dois itens levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

1. O uso dos quadrinhos em sala de aula

É cada vez mais comum os professores fazerem uso de histórias em quadrinhos dentro de sala de aula facilitar o aprendizado e deixar o conteúdo mais atrativo aos alunos. Waldomiro Vergueiro (2004, págs. 21 a 25), aponta alguns motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam no ensino. Seguem abaixo alguns deles:

- Os estudantes querem ler os quadrinhos
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema

O uso de quadrinhos em sala de aula fica mais a critério do professor, de acordo com seus objetivos didáticos, não há regras específicas para fazer uso dessa metodologia como explica Vergueiro:

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa



etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos. (VERGUEIRO, 2004, p.26)

Ainda de acordo com o pesquisador, a aplicação das histórias em quadrinhos deverá se adaptar ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. A utilização da leitura de gibis como um momento de relaxamento para os alunos, uma espécie de descanso no uso de materiais mais nobres, pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos. Ou seja: a aula não deve parar quando da introdução da leitura de quadrinhos, como se também o professor estivesse necessitando de um descanso na sua árdua tarefa de ensino. Além disso, é importante que o professor saiba selecionar o material que vai ser utilizado em sala de aula, devendo levar em consideração os objetivos educacionais que se deseja alcançar e que o educador tenha familiaridade suficiente com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa.

Quando os quadrinhos são utilizados adequadamente, permitem a reflexão crítica, que se constrói pela mediação do professor, devendo ir muito além “da simples leitura ou preenchimento de balões em branco como atividade para a escrita” (Palhares apud Pizarro, 2005, p.45).

2 Procedimentos metodológicos

Foi realizado um estudo de caso com uma criança de 5 anos, do sexo masculino, estudante de escola particular, cursando o infantil V. O objetivo é verificar quais estratégias uma criança que ainda não sabe ler adota para a leitura de uma história em quadrinho. Para realizar esse estudo foi realizada uma entrevista do tipo semiestruturada com a criança.

De acordo com Goode e Hatt (1979, p.422), o estudo de caso é um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale, no entanto, lembrar que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites, se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. Portanto, por meio do estudo do caso o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa.

Como a criança que é o objeto de estudo não domina a leitura, foram feitas perguntas sobre cada quadrinho da historinha de 3 páginas. A criança sentou à mesa, fez uma leitura visual e



perguntamos o que ela entendeu de cada quadrinho para que assim facilitasse ela chegar a uma conclusão sobre a historinha, mesmo que não a compreendesse de forma completa.

Os dados obtidos com essa experiência serão divididos em três fases: antes, durante e após a leitura. Serafim abut Eisner (1991) afirma que a análise dos dados feita de forma qualitativa e quantitativa permite que o pesquisador, dentre outras vantagens, interprete qual o significado de uma situação para os sujeitos da pesquisa e veja as particularidades de cada contexto. Por isso, a análise dos dados dessa pesquisa também foram qualitativos e quantitativos.

Foi realizada uma pesquisa com observação participante, que segundo Marconi (2007), “é uma pesquisa que consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. (MARCONI,2007,p.91). Ainda segundo a autora, o objetivo inicial é ganhar a confiança do grupo (nesse caso, da criança), fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão, mas, em certas circunstâncias, há mais vantagem no anonimato, que é o caso dessa pesquisa, a criança não entende o que é uma pesquisa, então ela interpreta que é apenas uma brincadeira ou até mesmo uma tarefa de casa tal como a professora na escola passa para ela.

Como dito anteriormente, na pesquisa também se fez uso de entrevista, que de acordo com Goode e Hatt (1969,p.237), consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação.

3 Análise dos dados

Nas estratégias de leitura do gênero História em Quadrinhos os elementos verbais e não-verbais são identificados. Neste espaço, serão apresentadas as estratégias utilizadas antes, durante e depois da leitura dos quadrinhos.

Antes da leitura

Antes de pedir a criança para “ler” a HQ quis saber se ela sabia o que era o material que eu estava dando a ela, como ela chegou a essa conclusão e a opinião dela sobre o gênero HQ. As perguntas foram as seguintes:

- 1- Que revista é essa?
- 2- Como você sabe disso?



- 3- Você gosta de ler essas historinhas? Por quê?
- 4- Quem você acha que gostaria de ler essa história? Por quê?
- 5- Por que se deve ler quadrinhos?

No caso dessa criança, ela é uma leitora emergente. Serafim apud Giasson (1996) afirma que leitor emergente é aquele que ainda não lê palavras, está em uma fase inicial da leitura, na qual ainda não se lê de forma autônoma: nesta fase, eles começam a entender as funções da escrita, se entregam ao prazer de escutar histórias e de reconhecer palavras em seu contexto, mas ainda não descobriram o princípio alfabético que os permite ler palavras novas.

Na pergunta 1 a criança respondeu “quadrinhos”. Na pergunta 2 ela respondeu que “por causa dos quadrinhos e bonequinhos”. Na pergunta 3 ela disse que “sim, porque é legal”, o que reforça as teses apresentadas nos capítulos anteriores sobre a influência dos quadrinhos na leitura para as crianças. Na pergunta 4 a criança respondeu “a minha mãe, porque ela gosta de ler historinha pra mim”. Na pergunta 5 ela disse que é “para aprender a ler”, assim ela já reconhece que os quadrinhos podem auxiliá-la no processo de alfabetização.

“Importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específica, numa pós leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, que descrevam o lugar onde a história acontece ou se gostaram do final. Pergunta mais específica desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de lembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e de outras pessoas” (SOUZA, BERNADINO, 2011, p.246)

Percebe-se que mesmo sem dominar a leitura, a criança conseguiu identificar o gênero HQ por já ter familiaridade com ele, por já ter visto outras revistas em quadrinhos.

Durante a leitura

A história em quadrinho escolhida foi do personagem Chico Bento, da Turma da Mônica. A escolha se deve ao fato do personagem e do leitor serem meninos e assim haver uma maior identificação. Além disso, Chico Bento é um personagem popular e querido pelo público infantil. O tema da HQ é escola, esse tema foi escolhido por ser um espaço que faz parte da rotina da criança, para a criança ter interesse em ler algo, é importante que haja uma identificação com a proposta da HQ.



A história escolhida tem o título “ Escola pra quê?”. Na HQ o personagem Chico Bento reclama ao amigo Zé da Roça que a professora passa muita lição para eles fazerem em casa e que um dia ele pensa em deixar a escola por causa disso. No caminho para casa, Chico encontra um menino analfabeto, que lhe pergunta onde fica a vila, mesmo tendo uma placa ao dizendo onde fica. Na conversa o menino conta que nunca frequentou a escola e Chico fica com inveja, pois também gostaria de ser livre da escola. Porém, no decorrer da história, Chico vê as dificuldades do menino que não sabe ler placas, nem calcular o quilo da batata e depende de outras pessoas que sabem ler e escrever para ajudá-lo. Então, ele decide levar o menino à escola e ele realiza a matrícula. No final, Chico fica cada vez mais aplicado nos estudos e conclui a HQ com o seguinte pensamento: “Minha felicidade só vai ser completa no dia em que todas as crianças do Brasil tiverem escola pra ir, no dia em que todas elas souberem ler e puderem entender as historinhas do meu gibi”. Uma história com final bonito, que mostra à criança a importância de saber ler e escrever e o papel da escola nesse processo. Esse foi mais um motivo para a escolha dessa HQ especificamente.

Como a criança do estudo de caso dessa pesquisa ainda não sabe ler, não podíamos pedir para ela ler e contar o que entendeu. A criança seguiu as próprias pistas contidas nos desenhos. Na primeira página ela conseguiu identificar que Chico Bento conversava com o amigo (Zé da Roça) e que Chico estava aborrecido com alguma coisa (como dito anteriormente, com o fato da professora ter passado muita lição de casa, mas isso a criança não conseguiu identificar). Depois ela identificou que Chico estava com um novo amigo de camisa vermelha e que estavam indo a um mercadinho. Ela afirmou que era um mercadinho porque o menino de camisa vermelha deu dinheiro ao vendedor e o mesmo colocou batatas na balança e depois em uma sacola. A criança também conseguiu identificar que Chico e o menino de camisa vermelha foram à escola, por causa dos desenhos da lousa, mesa, carteiras e professora mostrados no quadrinho. No final ela disse que Chico estava estudando ao ver desenhos de livros e cadernos na mesa e deduziu que Chico estava indo novamente à escola, mas dessa vez não estava com raiva, por causa das expressões faciais dos personagens, ainda que ela não entenda o que está escrito no balão.

Foram feitas as seguintes perguntas:

- 6) Onde está o título do texto?
- 7) Quem é o personagem principal da História?
- 8) Quem são os outros personagens?



Na pergunta 6 a criança conseguiu identificar o título do texto e justificou que o título “tem letras grandes, uma outra cor e não tá no balão”. Na pergunta 7 ela disse que era o Chico Bento porque “é ele que aparece mais vezes na historinha”. Já na pergunta 8 disse que era “os dois amigos do Chico, o que aparece no começo e no fim (Zé da Roça) e o de camisa vermelha (o menino analfabeto que não tem nome na historinha)”. Perguntas que a criança conseguiu responder sem dificuldade.

Depois da leitura

Após a leitura da história completa, ou melhor, da interpretação dos desenhos feita pela criança, foi pedido que ela falasse o que ela entendeu da história. Ela resumiu contando que no começo Chico conversou chateado com o amigo e no caminho para casa encontrou outro amigo e os dois foram ao mercadinho comprar batatas e depois foram à escola. No final Chico e os dois amigos vão à escola, todos felizes. Isso foi o que a criança conseguiu entender da história apenas com as ilustrações e expressões dos personagens.

“Para desenvolver a competência genérica na prática de leitura de crianças não-alfabetizadas, não basta colocá-las frente aos diversos gêneros discursivos que circulam nos meios sociais. É preciso que o professor satisfaça as curiosidades da criança sobre esses gêneros e intervenha sistematicamente ajudando a criança a organizar suas hipóteses de leitura”. (CARVALHO, OLIVEIRA, 2011, p.6).

Também perguntamos à criança o que ela acha da escola dela já que o tema da historinha era esse. “Gosto da minha escola porque lá eu estudo e brinco com meus amigos”, foi a resposta dela. Para Palacios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança. A resposta do menino reforça essa ideia.

“A história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança” (SOUZA, BERNADINO, 2011, p.247)



Considerações finais

Os quadrinhos são uma boa ferramenta de despertar a atenção do leitor e facilitar a compreensão por um determinado assunto. Nos quadrinhos, é de suma importância a análise descritiva da linguagem visual para nortear e ajudar o leitor no processo de entendimento e leitura visual das imagens. Seja qual for o tipo de quadrinho utilizado, a linguagem utilizada é simples e traz uma mensagem ao receptor, seja para refletir ou simplesmente como forma de entretenimento. Não importa o leitor, o quadrinho é acessível a qualquer público.

Os educadores se convenceram que os quadrinhos auxiliam no aprendizado, sendo uma forma acessível e didática de transmitir o conteúdo, seja ele de uma disciplina da área de humanas ou exatas. É essencial que o professor veja os quadrinhos com a mesma importância de exercícios comuns, não apenas como uma ferramenta para “descanso” ou “mudar a rotina” da aula. Como todo plano de aula, trabalhar com quadrinhos envolve planejamento para que no final os objetivos sejam alcançados.

Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas em quadrinhos ajudam a estimular a criatividade da criança e a desenvolver seu vocabulário. As crianças que desde cedo são estimuladas a ler histórias em quadrinhos terão mais chances de ter a leitura como hobby. Os gibis, como são popularmente conhecidas as revistas em quadrinhos, também são ótimos aliados em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas.

Os quadrinhos promovem um maior interesse da criança pela leitura, mesmo aquelas que ainda não dominam essa prática. O formato, os desenhos, as cores e a linguagem simples são elementos que atraem o público infantil e auxiliam no processo de alfabetização. Os quadrinhos são tão presentes no cotidiano das crianças que mesmo aquelas que não sabem ler conseguem identificar o gênero por causa desses elementos.

As HQ são boas ferramentas para as crianças que já sabem ler e aquelas que também não sabem ler. Estimulam o pensamento, a criatividade, a linguagem oral e escrita. Sabendo explorar de forma correta, os resultados são satisfatórios. No caso das crianças que não sabem ler, elas conseguem compreender a HQ, ainda que de forma não completa, por meio das expressões dos personagens e dos desenhos de objetos que permitem a criança identificar em qual local se passa a história, por exemplo e se o personagem está alegre ou triste.

Nem todo professor sabe explorar as estratégias de leitura de forma eficaz em sala, entretanto, tais estratégias se mostram satisfatórias no processo de alfabetização, ao formar leitores que sabem ler e interpretar textos e, principalmente, ter prazer em ler. Por isso, essas estratégias devem ser mais exploradas em sala de aula, tanto em crianças que sabem ler como em crianças que não sabem ler,



pois ambos são capazes de dar significado ao texto. Devem ser adotadas estratégias para antes, durante e após a leitura.

Geralmente uma história em quadrinho possui texto e imagem. Todas possuem imagens, entretanto, nem todas possuem texto, o que reflete a influência das imagens nesse tipo de leitura, ainda que seja apenas uma leitura visual. Mesmo sem texto, um quadrinho “mudo” é capaz de fazer o leitor compreender a história que está ali. Além de despertar a atenção, as imagens tornam a leitura mais leve e prazerosa e, conseqüentemente, o professor que as utilizam de forma eficaz também terá uma aula com as mesmas qualidades.

The role of hq's in literacy

Abstract

The present work aims to show the strategies that children who are in the process of literacy use to understand the Comics. A case study was carried out with a 5-year-old male student, a private school student, attending the children's V, in order to verify which strategies a child who is in the literacy process adopts to read a story in comic. To carry out this study, a semi-structured interview with the child was carried out, where she showed what she understood about the story. The results showed that even without reading mastery, the child in the process of literacy can understand a comic story almost completely and that she easily recognizes this genre because it is already part of her life.

Keywords: Comics. Literacy. Literature. Images

Referências

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. *Educare et educare - Revista de educação*. São Paulo, v. 6, nº 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: www.reveduc.ufscar.br. Acesso em: 11 mar. 2018.

CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

EISNER, W. *Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos*. 2ª edição. São Paulo: Devir, 2008. EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIRARDELLO, G. (2000). "Contando castelos no ar: as histórias e a imaginação infantil". In Secretaria Municipal de Educação. Divisão de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis (Ed.), *Síntese da qualificação da educação infantil*. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis. [[Links](#)]

GIRARDELLO, G. (2004). *Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Retrieved from <http://www.anped.org.br/26/trabalhos/gilkagirardello.rtf>.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 3ª edição. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.



LOPES, Mariana Ferreira e MIANI, Rozinaldo Antônio . **O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros**. Paraná, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de História**. Paraná, 2009

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** Estudos Linguísticos, São Paulo, p. 355-367, set.-dez, 2009

RAMOS, Paulo. **História em quadrinhos: um novo objetivo de estudos**. São Paulo, 2006.

RAMOS, Paulo e Vergueiro, WALDOMIRO. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária**. In: RAMA, Angela, et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 31-64.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias de quadrinhos no Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas-conteúdo.php>

VERGUEIRO, Waldomiro (org). **Como usar os quadrinhos na sala de aula?**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. **História em quadrinhos**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento: Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Histórias em quadrinhos e ensino: uma dupla cada vez mais dinâmica**. 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/núcleos/njr/espinal/papiro20a.htm>

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

